

MINNA NO NIHONGO SHOKYŪ I (2º EDIÇÃO) E IRODORI (INTRODUTÓRIO A1):
UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS DEZ PRIMEIRAS LIÇÕES

MINNA NO NIHONGO SHOKYŪ I (2nd EDITION) AND IRODORI (INTRODUCTORY
A1): A COMPARATIVE ANALYSIS OF THE FIRST TEN LESSONS

Camila Regina Ferracioli Pimentel¹
Paulo Victor de Sena Mendonça²

RESUMO

Este estudo é um resumo dos achados de um Trabalho de Conclusão de Curso e propôs uma análise comparativa de dois livros didáticos de língua japonesa, levando em consideração a importância do uso do livro didático no processo de ensino-aprendizagem. Foram analisados e comparados o livro texto e arquivos de áudio das dez primeiras lições do *Minna no Nihongo Shokyū I* (2º Edição) e *Irodori* (Introdutório A1), no qual analisamos as informações e a construção das lições dos livros didáticos, os métodos de ensino, as habilidades linguísticas e a linguagem dos dois livros, com base teórica nos estudos de Alkmin (2001), Coracini (1999), Feldmann (2019), Ferro e Bergmann (2013), Leffa (2016) e Oliveira (2015). Averiguou-se que, apesar dos livros didáticos serem de nível básico, os objetivos são opostos e, portanto, constatamos que os métodos de ensino são diferentes, as atividades são desenvolvidas com foco em uma determinada habilidade linguística em cada livro e a linguagem utilizada não expõe os alunos o suficiente às variações linguísticas. Além disso, foi feita uma reflexão crítica sobre a importância do uso desses livros didáticos em sala de aula.

Palavras-chave: Livro didático; Língua japonesa; Métodos de ensino; Habilidades linguísticas; Variações linguísticas.

ABSTRACT

This study is a summary of the findings of a bachelor's thesis and proposed a comparative analysis of two Japanese language textbooks taking into consideration the importance of using the textbook in the teaching-learning process. It was analyzed and compared the textbook and audio files of the first ten lessons of *Minna no Nihongo Shokyū I* (2nd Edition) and *Irodori* (Introductory A1), in which we analyzed the information and construction of the lessons in the textbooks, the teaching methods, linguistic skills and language of the two books, with a theoretical basis in the studies of Alkmin (2001), Coracini (1999), Feldmann (2019), Ferro and Bergmann (2013), Leffa (2016) and Oliveira (2015). It was found that, although the textbooks are of basic level, the objectives are the opposite and therefore, we found that the teaching methods are different, the activities are developed focusing on a certain linguistic skill in each book and the language does not expose the students enough to the linguistic variations. In addition, it was carried out a critical reflection on the importance of the use these textbooks in classroom.

Keywords: Textbook; Japanese language; Teaching methods; Language skills; Linguistic variations.

¹ Mestre em Linguística pela Universidade de Nagoya. Professora Assistente do Curso de Letras - Língua e literatura japonesa da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: camilarfpimentel@ufam.edu.br

² Graduação em Letras – Língua e literatura japonesa pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um resumo dos resultados encontrados em um Trabalho de Conclusão de Curso. Aqui serão demonstrados, de forma resumida e breve, as justificativas, contextualização, objetivos, fundamentação teórica, metodologia, análise e conclusão que foram desenvolvidos nesse trabalho realizado entre 2022 e 2023.

No processo de ensino-aprendizagem, o livro didático ocupa destaque, sendo uma ferramenta relevante e muito utilizada. Muitos professores e alunos consideram o livro didático um recurso por excelência, usando-o como único recurso didático (Ferro e Bergmann, 2013). Este uso, como fonte exclusiva de saber, pode limitar o desenvolvimento de vários aspectos da língua-alvo (Coracini, 1999).

Portanto, torna-se necessário avaliá-lo de tempos em tempos, pelo fato de que estes livros não são definitivos e devem ser atualizados para acompanhar as mudanças da língua. Assim, este trabalho buscou analisar e comparar as dez primeiras lições de dois livros didáticos, sendo estes o *Minna no Nihongo Shokyû I* (2º Edição) e o *Irodori* (Introdutório A1).

São poucas as pesquisas que abordam livros didáticos japoneses no Brasil. Considerando a importância do uso do livro didático em sala de aula, este trabalho teve como objetivo analisar e comparar os livros didáticos *Minna no Nihongo Shokyû I* (2º Edição) e *Irodori* (Introdutório A1), com o intuito de apontar as diferenças que cada um apresenta em relação à construção e conteúdo do livro didático, de identificar quais métodos de ensino foram adotados, de analisar a forma que são trabalhadas as habilidades linguísticas, assim como a linguagem utilizada considerando as variações linguísticas e promover uma reflexão crítica sobre o que foi observado.

REVISÃO DE LITERATURA

Este trabalho traz algumas pesquisas relacionadas à livros didáticos e metodologias de ensino para sua revisão de literatura. Mukai e Yoshikawa (2009) realizaram uma análise dos livros didáticos *Nihongo Shoho* (Fundação Japão, 1981) e *Minna no Nihongo* (3ª Corporation, 1998), destacando as diferenças dos métodos de ensino adotados pelos livros e seus materiais de apoio.

Seu objetivo foi de tentar comprovar que não há um livro didático ou método único e definitivo para o ensino de línguas, afirmando que se deve levar em consideração as necessidades dos alunos e metas da instituição ou escola na escolha do livro a ser adotado.

Também refletem sobre como é necessário o preparo dos professores para o uso de um material didático.

Vieira (2014) apresenta formas de identificar como os métodos de ensino e as habilidades comunicativas são trabalhados no livro didático Marugoto. O autor usa os conceitos de Krashen (1982) de assimilação, aprendizado, monitoramento, input, ordem natural e filtro afetivo da abordagem natural para a análise, identificando todos no livro didático. Ainda, ele aponta que o trabalho do professor exige um conhecimento dos métodos de ensino para que se possam ser alcançados os objetivos de aprendizagem dos alunos.

Silva (2021) realiza uma revisão bibliográfica para verificar se a abordagem comunicativa está sendo usada no ensino de língua japonesa no Brasil, focando no livro Marugoto, um dos poucos que utilizam essa metodologia. Analisando a temática, oportunidades de interação, gêneros discursivos e letramento crítico, foi concluído que, apesar da abordagem comunicativa estar presente há algumas décadas, ainda há uma carência em acompanhar a diversidade das necessidades da sala de aula, precisando-se de uma reformulação.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa irá tratar sobre livros didáticos, métodos de ensino de língua estrangeira, habilidades linguísticas e suas variações. Assim, a fundamentação teórica foi feita com base nos estudos de Alkmin (2001), Coracini (1999), Feldmann (2019), Ferro e Bergmann (2013), Leffa (2016) e Oliveira (2015).

Segundo Ferro e Bergmann (2013, p. 22), “o livro didático é considerado por muitos alunos e professores o ‘recurso por excelência’”, podendo ser utilizado como único instrumento de ensino-aprendizagem, e, apesar de haver relevância em inserir outros recursos variados, qualquer material pode se tornar didático desde que se tenha um planejamento. Sobre o material didático, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio - PCNEM, compreende que:

Material didático é um conjunto de recursos dos quais o professor se vale na sua prática pedagógica, entre os quais se destacam, grosso modo, os livros didáticos, os textos, os vídeos, as gravações sonoras (de textos, canções), os materiais auxiliares ou de apoio, como gramáticas, dicionários, entre outros. Assim, um manual de instruções de funcionamento de um aparelho ou embalagem de um produto alimentício pode, em dado momento, converter-se em material didático de grande utilidade. Uma seleção adequada, que leve em conta o planejamento do curso como um todo, incorporará alguns ou vários desses recursos de forma harmoniosa, o que por sua vez, implica não se ater exclusivamente a apenas um deles, posto que nenhum é tão abrangente que contemple todos os aspectos relacionados à língua em estudo (BRASIL, 2006, p. 154 apud Feldmann, 2019, p. 68).

Feldmann (2019) ressalta como uso de recursos, como áudios, vídeos e outros, transforma o papel do professor, este devendo estar atendo às mudanças na área da educação para usar ferramentas e estratégias como aliados. Feldmann (2019) ainda aponta que o livro não deve ser utilizado como recurso único de ensino, devendo-se saber analisá-lo devido à sua importância e mudanças que sofreu ao longo dos anos, além de também ser importante saber escolher qual irá utilizar. Coracini (1999) também adverte sobre o uso do livro didático como fonte exclusiva de saber, pois é limitante tanto para professores quanto para alunos.

Quanto a metodologias de ensino, Leffa (2016) propõe o uso do termo abordagem para se referir a pressupostos teóricos sobre língua e aprendizagem. A depender da abordagem, os pressupostos variam e, assim, definem os objetivos dos livros didáticos e as habilidades linguísticas que serão trabalhadas. Como exemplos, o autor traz a abordagem da gramática e tradução, que foca o ensino da segunda língua pela primeira com auxílio de explicações gramaticais e traduções; a direta, que dá ênfase na língua oral e não se utiliza da língua materna do aluno; a para a leitura, focada na compreensão textual; a audiolingual, que usa repetição e memorização na língua-alvo para o aprendizado; e a comunicativa, que enfatiza a comunicação real.

Leffa (2016) também trata do ensino das quatro habilidades linguísticas, sendo elas ouvir, falar, ler e escrever. O autor diz que, devido aos debates sobre a língua ser considerada fala e não escrita, estas habilidades não devem ser apresentadas simultaneamente, mas em uma ordem que não deve ser alterada, mesmo que o foco seja na última:

Tudo isso levou ao princípio pedagógico de que na aprendizagem da língua as habilidades não devem ser apresentadas ao mesmo tempo, mas em sequência, dentro de uma ordem de aprendizado. Primeiro, ouvimos a língua, depois a falamos, depois a lemos e finalmente a escrevemos. Em nenhuma circunstância, independente de qualquer objetivo que se possa ter, essa ordem pode ser quebrada. “O princípio [fala antes da escrita] deve ser obedecido, mesmo quando o objetivo seja apenas ler”. (Leffa, 2016, p. 69)

Primeiro deve-se ouvir, para depois falar, ler e após isso, escrever. Para Oliveira (2015), o ensino de compreensão oral deve ter atividades com estabelecimento de contexto, motivação e ativação de esquemas mentais; para a leitura, deve haver um reconhecimento de padrões ortográficos, classes de palavras, busca de ideias e informações. De acordo com Oliveira (2015), a fala é a menos trabalhada no ensino de língua estrangeira, mas “[...] deve ser vista como uma habilidade que os alunos precisam desenvolver para serem usuários competentes da língua” (Oliveira, 2015, p. 132); para a escrita é relevante ensinar sobre

textualidade, coesão e coerência. Este autor ainda afirma que “[...] é extremamente raro se utilizar uma única habilidade sem envolver outra” (Oliveira, 2015, p. 72).

Sobre as variações linguísticas, Alkmin (2001) ressalta a ligação da linguagem com a sociedade, afirmando “que essa relação é a base da constituição do ser humano” (Alkmin, 2001, p. 21). Considerando a língua como um meio de comportamento social, dentro de uma comunidade a língua possui com variações, causadas por fatores como de gênero, políticos e econômicos. Para Alkmin (2001), existem quatro categorias: variação diacrônica, que são resultado de mudanças temporais; variação diatópica, relacionada a fatores geográficos; variação social ou diastrática, que engloba fatores sociais como idade, classe, gênero, ou contexto social; e variação estilística ou registros, relacionadas ao contexto. Quando à vida social

[...] há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflete a hierarquia de grupos sociais. Isto é, em todas as comunidades existem variedades que são consideradas superiores e outras inferiores. [...] As sociedades de tradição ocidental oferecem um caso particular de variedade prestigiada: a variedade padrão. A variedade padrão é a variedade linguística socialmente mais valorizada, de reconhecido prestígio dentro de uma comunidade, cujo uso é, normalmente, requerido em situações de interação determinadas, definidas pela comunidade como próprias, em função da formalidade da situação, do assunto tratado, da interação entre os interlocutores (Alkmin, 2001, p. 40).

Ou seja, Alkmin (2001) discorre que há variedades que são consideradas superiores e há a padrão, muito valorizada na sociedade. Segundo a autora, esta variedade padrão é estabelecida por um conjunto de normas e coincide com a que é utilizada pelos de poder econômico maior ou de habitantes de centros urbanos, não sendo escolhido por fatores linguísticos, mas por econômicos e políticos; isto pode motivar as pessoas a adotarem esta variedade socialmente aceitável, sendo, portanto, social e pode ser produzido pela escola (Alkmin, 2001). Cagliari (2013) afirma que, por haver um padrão a ser seguido, a escola tira o ambiente natural da linguagem e coloca um artificial.

FUNDAMENTAÇÃO METODOLÓGICA

Este trabalho é classificado como uma pesquisa bibliográfica, desenvolvido na área de sociolinguística e ensino-aprendizagem. Possui como objetivo analisar e comparar os livros didáticos *Minna no Nihongo Shokyû I* (2ª Edição) e *Irodori* (Introdutório A1) para apontar as diferenças de cada um em relação a: construção do livro, métodos de ensino, linguagem

utilizada e habilidades linguísticas trabalhadas. Além disso, esta pesquisa contém uma breve reflexão crítica sobre o observado.

O projeto deste estudo foi elaborado entre outubro de 2022 a fevereiro de 2023 e a monografia, com a concretização do projeto, foi desenvolvida de março a junho de 2023. Artigos científicos, monografias, revistas acadêmicas e científicas e livros da área da sociolinguística e da área de ensino-aprendizagem foram utilizados como base. Usando palavras-chave como livro didático, linguagem, habilidades linguísticas, variação linguística, métodos de ensino, *Minna no Nihongo*, análise comparativa, análise e língua japonesa, as buscas foram realizadas no Google Scholar, repositórios das universidades e revistas *Hon no Mushi* e Estudos Japoneses, do Portal de Revistas da Universidade de São Paulo. Após isso, foram realizados fichamentos das informações encontradas relevantes à pesquisa.

Foram buscados materiais que auxiliassem na compreensão da importância e da limitação do livro didático no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, além de temas como métodos de ensino, habilidades e variações linguísticas. Assim, serviram de fundamento os autores Alkmin (2001), Coracini (1999), Feldmann (2019), Ferro e Bergmann (2013), Leffa (2016) e Oliveira (2015), já detalhados na seção acima.

Neste trabalho, primeiro foram analisados os conteúdos gerais dos livros didáticos *Minna no Nihongo Shokyû I* (2ª Edição) e *Irodori* (Introdutório A1), usando como base a tabela do estudo de Mukai e Yoshikawa (2009). Devido à falta de tempo, esta pesquisa se limitou a analisar o livro texto e os arquivos de áudio das dez primeiras lições de cada livro. Após isso, foram identificados os métodos de ensino adotados. Em seguida, foram investigados quais e como as habilidades linguísticas (ouvir, falar, ler e escrever) são trabalhadas nas lições. Por fim, foi analisado o modo que a linguagem é apresentada se baseando em Alkmin (2001) e promovemos uma breve reflexão crítica.

ANÁLISE

Informações gerais de *Minna no Nihongo Shokyû I* (2ª Edição)

O *Minna no Nihongo Shokyû I* é uma introdução ao estudo de língua japonesa, focado no nível básico. Juntamente com *Minna no Nihongo Shokyû II*, a primeira edição do livro texto foi desenvolvido por mais de três anos e publicada em março de 1998, com a finalidade de deixar o aprendizado interessante para uma ampla faixa de estudantes, apesar de ser direcionado principalmente para adultos (3ª Corporation, 2012). Como a língua muda com o tempo, parte

deste material foi revisado reformulado, ainda mantendo a antiga estrutura (3ª Corporation, 2012). Assim, em junho de 2012, foi publicada a segunda edição.

O livro é composto por: capa, prefácio, prefácio da segunda edição, instrução para os usuários, métodos eficientes de utilização, personagens que compõem as lições, índice, pronúncia dos fonogramas japoneses, palavras usadas em sala de aula, expressões de conversa e saudações diárias, numerais, lições e palavras de referência e outras informações. O tempo necessário para o aprendizado é de 150 horas no total, de quatro a seis horas para cada lição. A escrita é composta pelos silabários *hiragana* e *katakana*, ideogramas, *furigana* (a leitura do ideograma) e algarismos arábicos.

O livro texto e os áudios das dez primeiras lições são padronizados e estruturados da seguinte maneira: 1) sentenças padrão, onde são apresentadas as frases básicas da lição; 2) exemplos de orações, que são diálogos curtos mostrando como as sentenças padrão são utilizadas na prática, mostrando advérbios, conjunções e elementos gramaticais; 3) conversação, que mostra diálogos com vários personagens residentes no Japão em vários contextos; 4) práticas, que são divididas em três níveis, sendo eles A (assimilação das estruturas gramaticais da lição e como construí-las), B (exercícios práticos de reforço) e C (treino de comunicação por diálogos através de substituição de palavras grifadas); 5) questões, que contém três tipos de exercícios, um para audição, outro com foco em gramática e o último com interpretação de texto; 6) revisão, que são exercícios com os pontos importantes do aprendizado após um certo número de lições, não aparecendo em todos os capítulos.

Os áudios das dez primeiras lições que acompanham o livro texto contém os diálogos de cada lição e parte dos exercícios. O item questões é o único em que é necessário o áudio para as respostas e a quantidade de questões varia com cada lição. O item conversação possui, além do áudio, um vídeo com pessoas reais encenando a interação.

Informações gerais de *Irodori* (Introdutório A1)

“Os livros didáticos *Irodori*: língua japonesa para a vivência no Japão foram desenvolvidos por ‘The Japan Foundation-Japanese-Language Institute, Urawa’”, e publicados em 2020 (Isomura; et al., 2020, p. 1). É um livro disponível online, em formato PDF, com faixas de áudio que podem também ser baixadas ou reproduzidas em *streaming* (Isomura; et al., 2020, p. 4).

Irodori foi desenvolvido para auxiliar na “comunicação básica necessária para a vida cotidiana e o trabalho dos estrangeiros no Japão”, com tarefas, chamadas de *can-do*, que tem o

objetivo de aumentar o uso do japonês em situações reais e desenvolver habilidades de comunicação (Isomura; et al., 2020, p. 1).

De acordo com Isomura, et al. (2020, p. 4), os tópicos e itens gramaticais em cada lição do Irodori estão inter-relacionados com o livro didático Marugoto: Língua e Cultura do Japão, um livro publicado pela Japan Foundation.

Irodori é composto por três livros: Introdutório (A1), Básico 1 (A2) e Básico 2 (A2). Cada livro possui capa, prefácio, instruções de utilização, índice, 18 lições, avaliação de *can-do* e informações editoriais. O tempo previsto para cada lição é de 150 a 180 minutos e a escrita é composta pelos silabários *hiragana* e *katakana*, ideogramas, *furigana* (a leitura do ideograma), algarismos arábicos e, nas primeiras duas lições, romanização de palavras (transliteração).

O livro texto e os áudios das dez primeiras lições são estruturados da seguinte forma: 1) nome do tópico e tema da aula; 2) perguntas introdutórias, que tem o objetivo de contextualizar o aluno no tema; 3) atividades, focadas nos *can-do*, que ajudam na aquisição da língua prática na vida real, com algumas sendo *shadowing*³; 4) *script* das conversações dos áudios; 5) *kanji*; 6) notas gramaticais, onde há explicações das estruturas de cada lição, porém, na lição 1 e 2, no lugar deste item há a apresentação do *hiragana* e do *katakana*, respectivamente; 7) dicas para se viver no Japão, onde há explicações sobre a cultura japonesa.

Existem quatro tipos de atividades nas lições: falar, ouvir, ler e escrever. A quantidade e organização varia de lição para lição, mas geralmente há mais atividades de conversação. As atividades podem ser praticadas de forma independente, mas estão todas interconectadas.

Métodos de ensino

Os métodos em que o livro se baseia pode gerar impacto em sala de aula. Assim, analisaremos de acordo com Leffa (2016) qual foi o método de ensino adotado pelos livros.

Analisando as dez primeiras lições do livro *Minna no Nihongo Shokyû I* (2º Edição), vimos que o conteúdo está escrito em japonês sem romanização com lições padronizadas, com áudio presente nas conversações e exercícios. Assim, a estrutura das atividades possui o mesmo objetivo em todas as lições. Observamos características do método audiolingual, onde identificamos três das quatro premissas deste método: 1) “Língua é fala, não escrita” (Leffa, 2016, p. 30); 2) “Língua é um conjunto de hábitos” (Leffa, 2016, p. 30); 3) “Ensine a língua, não sobre a língua” (Leffa, 2016, p. 31). Na primeira premissa, “a forma preferida de

³ *Shadowing* é um termo que se refere à reprodução exata da fala do áudio, no qual os alunos repetem oralmente ao mesmo tempo que escutam.

apresentação era o diálogo, justamente por representar a língua viva no dia-a-dia” (Leffa, 2016, p. 30), que conseguimos observar pela alta quantidade de diálogos em cada lição. A segunda premissa, em que “a língua era vista como um conjunto de hábitos condicionado que se adquire através de um processo mecânico de estímulo e resposta” (Leffa, 2016, p. 30), foi observada nas questões e na apresentação das estruturas gramaticais, que é feito de forma gradual. A terceira premissa expressa que “se aprende a língua na prática, não através de explicações ou explicações gramaticais” (Leffa, 2016, p. 31) e a gramática do livro em questão é ensinada através da analogia indutiva por repetição de padrões.

Analisando as dez primeiras lições do livro *Irodori* (Introdutório A1), observamos características da abordagem comunicativa. Segundo Leffa (2016), o uso das funções comunicativas da língua se destaca nesta abordagem e é dividido em categorias, como:

- (1) expressando e descobrindo informações factuais (exemplo: identificando, perguntando, etc.)
- (2) expressando e descobrindo atitudes intelectuais (exemplo: concordando, negando, etc.),
- (3) expressando e descobrindo atitudes emocionais (exemplo: expressando ou inquirindo sobre prazer, surpresa, gratidão, etc.),
- (4) expressando e descobrindo atitudes morais (exemplo: pedindo desculpas, expressando aprovação, etc.),
- (5) suasão (exemplo: pedir a alguém para fazer alguma coisa),
- (6) socialização (exemplo: cumprimentar, despedir-se, etc.). (Leffa, 2016, p. 36).

Foram observados estes elementos nas lições do livro. Por exemplo, na lição 1 o tópico é “Começando a falar japonês” com o tema “Bom dia”. Na primeira atividade, o *can-do* é “Conseguir fazer uma saudação quando se encontra com alguém”, ou seja, será praticado a língua com base em uma função comunicativa. Esta organização se mantém ao longo das lições analisadas. Além disso, a abordagem comunicativa expõe que “a ênfase da aprendizagem não está na forma linguística, mas na comunicação” (LEFFA, 2016, p. 37). O objetivo do *Irodori* é tornar o aluno capaz de aprender o japonês se comunicando na vida real, o que é coerente com a proposta da abordagem comunicativa. O livro também utiliza materiais autênticos, concordando com esta abordagem.

Habilidades linguísticas

Existem quatro habilidades da língua: ouvir, falar, ler e escrever. Nesta seção será analisada de que forma estas habilidades são trabalhadas nas dez primeiras lições dos livros.

As atividades do *Minna no Nihongo* “tem como objetivo fazer com que os estudantes assimilem as quatro habilidades que são falar, ouvir, ler e escrever o idioma japonês” (3A Corporation, 2012, p. 7). Exercícios para prática da audição possuem um símbolo de som, enquanto que para a fala foram observados exercícios que não tinham espaço para escrever,

devendo ser respondidos oralmente. Para a leitura são apresentados textos e para a escrita há espaços indicados por linhas, parênteses ou colchetes. Nos itens sentenças padrão e exemplos, não ficou clara a forma de como devem ser trabalhados, subtendendo-se que fica a critério do professor.

No item conversação, o foco está na audição e leitura, enquanto nas práticas A, B e C o foco é a fala. No item questões existem três tipos de exercícios: de audição, de estruturas gramaticais e de interpretação de texto. Assim, observamos que as dez primeiras lições do *Minna no Nihongo Shokyû I* (2ª Edição) desenvolvem mais atividades com foco na fala. Não há muita diferença na quantidade de exercícios das habilidades de ouvir, ler e escrever. Porém, a segunda habilidade mais desenvolvida é a escrita, em terceiro a leitura e em último a audição.

Nas lições do *Irodori* (Introdutório A1) também são trabalhadas as quatro habilidades em quatro tipos de atividades, cada uma com o objetivo de compreensão oral, conversação, leitura ou escrita. Existem as seguintes atividades: 1) Escute o diálogo, que trabalha audição, fala e escrita; 2) Preparação das palavras, com audição, fala e escrita; 3) Foco na forma, com audição e escrita; 4) Conversação, com audição e fala; 5) Script do arquivo de áudio, com audição e fala; 6) Palavras em *kanji*, com audição, fala e escrita; 7) Notas gramaticais, com leitura; 8) Dicas para se viver no Japão, com leitura. Há algumas exceções de padronização nas lições 1 e 2, pois apresentam o *hiragana* e o *katakana*, respectivamente, e não há os itens foco na forma, palavras em *kanji* e as notas gramaticais. Pelo observado, o livro *Irodori* (Introdutório A1) possui atividades com foco maior na compreensão auditiva. A segunda habilidade mais trabalhada é a fala, em terceiro a leitura e em última a escrita.

Linguagem

A língua, dentro de uma sociedade, apresenta variações causadas por diversos fatores, no qual Alkmin (2001) divide em quatro categorias. São elas: 1) Variação diacrônica, relacionada a transformações da língua com o passar do tempo; 2) Variação diatópica, relacionada a fatores geográficos, apresentando variação nas regiões e comunidades; 3) Variação social/diastrática, relacionada a fatores sociais como sexo, idade, classe, situação ou contexto social; 4) Variação estilística/registo, relacionada ao meio de comunicação, como e-mails e cartas. Nesta seção serão analisadas as variações linguísticas das dez primeiras lições dos livros.

No livro *Minna no Nihongo Shokyû I* (2ª Edição), não identificamos nenhuma variação diacrônica nem diatópica. A variação social/diastrática foi observada nas lições, pois os

diálogos acontecem entre japoneses e estrangeiros, tendo-se uma abrangência do ambiente e faixa etária dos personagens no item conversação, prática B e C. Porém, a linguagem formal é predominante. No item conversação há maior detalhamento da relação dos personagens, onde foi observado uma falta de familiaridade entre eles, tornando evidente o uso da linguagem formal. As linguagens formais nestas lições são caracterizadas pelo uso do です (desu) em orações afirmativas, ですか (desuka) em orações interrogativas, o さん (san) acrescentado ao nome e o prefixo お (o) acrescentado ao substantivo, que expressa respeito, além de verbos na forma ます (masu). Quanto à variação estilística/registo, também não observamos sua presença. Por mais que existam atividades de interpretação de texto a partir da lição 6, estes textos foram desenvolvidos especificamente para prática das estruturas, se baseando apenas na linguagem formal. Assim, nas dez primeiras lições do livro *Minna no Nihongo Shokyû I* (2ª Edição), foram encontradas apenas características da variação social/diastrática.

No livro *Irodori* (Introdutório A1), também não identificamos variação diacrônica nem diatópica. A variação social/diastrática está presente, pois fatores como idade, classe e contexto social são desenvolvidos em todos os diálogos das dez lições. Alguns diálogos utilizam a linguagem formal, outros apenas a informal e alguns misturam as duas formas. A linguagem formal se apresenta do mesmo modo que o *Minna no Nihongo*. A linguagem informal é caracterizada por não usar o です (desu) e o ですか (desuka) em conversas entre amigos, membros da família, companheiros de trabalho e subordinados. Verbos também aparecem sem a polidez, ou seja, sem o uso do ます (masu). Também há o uso do よ (yo) para enfatizar a informação. Sobre a variação estilística/registo, ela está presente em quatro lições, com linguagem formal e informal em mensagens e postagens em mídia social. Assim, nas dez primeiras lições do livro *Irodori* (Introdutório A1), foram encontradas a variação social/diastrática e a estilística/registo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos analisar questões acerca dos livros didáticos, métodos de ensino, habilidades linguísticas e a linguagem no ensino da língua japonesa. Para tanto, analisamos o livro texto e arquivos de áudio das dez primeiras lições de dois livros didáticos de ensino da língua japonesa, sendo estes o *Minna no Nihongo Shokyû I* (2ª Edição) e *Irodori*

(Introdutório A1), observando se o conteúdo desenvolvido expõe os alunos aos variados aspectos da língua.

Notamos que, apesar de serem do mesmo nível básico e terem objetivos parecidos, a organização e o modo com que os conteúdos são trabalhados difere. O *Minna no Nihongo* é um livro físico e um recurso eficiente para estudantes estrangeiros aprenderem conversação básica, possuindo situações e personagens variados que reproduzem condições da vida cotidiana do Japão.

O *Irodori* é um livro online com foco em comunicação básica para vida e trabalho no Japão, visando situações reais, como trabalhar e fazer compras, em tarefas chamadas *can-do*. Diferentemente do *Minna no Nihongo*, o *Irodori* não tem como objetivo estudar a gramática, vocabulário ou kanji, mas oferecer informações para o conhecimento do contexto da comunicação.

Quanto aos métodos de ensino, observamos o método audiolingual no *Minna no Nihongo Shokyû I* (2º Edição) e a abordagem comunicativa no *Irodori* (Introdutório A1). Quanto às habilidades linguísticas, constatamos que as quatro habilidades de ouvir, falar, ler e escrever são trabalhadas nas dez primeiras lições dos dois livros.

O *Minna no Nihongo Shokyû I* (2º Edição) tem mais foco na fala, depois em escrita, leitura e compreensão auditiva, enquanto o *Irodori* enfatiza a compreensão auditiva, depois a fala, leitura e escrita. Quanto à linguagem, a variação social/diastrática é a única a ser desenvolvida nas lições analisadas do *Minna no Nihongo Shokyû I* (2º Edição) e apenas na língua formal. O *Irodori*, por sua vez, desenvolve a variação social/diastrática em atividades com as linguagens formal e informal e há a variação estilística/registo.

Devido à falta de tempo, esta pesquisa se limitou a analisar apenas o livro texto e arquivos de áudio das dez primeiras lições, sendo que no total são 50 lições que compõem a segunda edição dos livros *Minna no Nihongo Shokyû I* e II, e o *Irodori* possui o total de 54 lições divididas nos três livros. Sugerimos que estudos posteriores a contribuir para a área da sociolinguística, analisando as variações linguísticas nas demais lições.

Os livros didáticos *Minna no Nihongo Shokyû I* (2º Edição) e *Irodori*, apesar de cumprirem com os seus objetivos, possuem atividades já definidas, podendo fazer com que professor e aluno não sintam a necessidade de extrapolar os conteúdos apresentados e o utilizem como fonte única, apesar de possuir limitações.

Percebemos o quanto o livro didático é importante para o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que pode se tornar a principal ferramenta dentro da sala de aula. O livro,

porém, não o deve doutrinar o professor, mas sim que o professor use este a seu favor e explorando da melhor forma possível com a consciência das necessidades dos alunos. De tal modo, o professor deve se utilizar de estratégias que conecte o conteúdo do livro a realidade do aluno, além de ultrapassar os limites do matérias para tornar o aprendizado dinâmico e satisfatório.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística: parte 1. In MUSSALIN, Fernanda; Bentes, Anna Cristina. (Orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. 11 ed. São Paulo: Scipione, 2013.

CORACINI, M. J. R. **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático**. São Paulo: Pontes, 1999.

FELDMANN, Taise. **Análise e produção de material didático em língua inglesa**. Indaial: UNIASSELVI, 2019.

FERRO, Jeferson; BERGMANN, Juliana Cristina Faggion. **Produção e avaliação de materiais didáticos em língua materna e estrangeira**. 1. ed. Curitiba: Intersaberes, 2013.

ISOMURA, Kazuhiro; FUJINAGA, Kaoru; ITO, Yukiko; YUMOTO, Kahori; IWAMOTO, Masako; HABUKI, Miyuki; FURUKAWA, Yoshiko. **Irodori Introdutório (A1): língua japonesa para a vivência no Japão**. Saitama: Bonjinsha, 2020. p. L1-L10 Disponível em: <<https://fjsp.org.br/irodori-a1-introdutorio/>>. Acesso em: 17 de dez. de 2022.

LEFFA, Vilson J. **Língua estrangeira**. Ensino e aprendizagem. Pelotas: EDUCAT, 2016.

MUKAI, Yûki; YOSHIKAWA, Mayumi E. I. Análise e crítica de dois materiais didáticos em língua japonesa. **Estudos Japoneses**, n.29, p. 157-178, 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ej/article/view/143021>>. Acesso em: 11 de nov. de 2022.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Aula de inglês: do planejamento à a avaliação**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SILVA, Fernanda M. G. **Quais elementos da séries de livros didáticos de ensino da língua japonesa, Marugoto, podem indicar se o material segue os precitos da abordagem comunicativa?**. Monografia, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/14552>>. Acesso em: 20 de dez. 2022.

VIEIRA, Luiz. **Proposta de análise do livro didático de língua japonesa: o diálogo entre Marugoto e abordagem natural**. Brasília, 2014. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483/9510>>. Acesso em: 28 de dez. de 2022.

3 A Corporation (Org.). **Minna no Nihongo: Shokyû I**. 2. Ed. Tóquio: Bonjinsha, 2012. p. 6-89.